





# Poesia com Viagem

## Uma jornada de dentro para fora





ANA FERNANDES

Copyright © 2024 Ana Fernandes

Capa: Giovanna Quemello Borges

Revisões e diagramação: Luciano Quemello Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernandes, Ana
Poesia com viagem : uma jornada de dentro para fora / Ana Fernandes. – 1. ed. – Anápolis, GO : Like Editora, 2024.
ISBN 978-65-80410-36-1
1. Poesia brasileira I. Título.
24-208429 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição estão reservados à autora.

LIKE
EDITORA

Ana Fernandes

# Poesia com Viagem

## Uma jornada de dentro para fora

1ª Edição
2024
Like Editora
Anápolis/GO



Não fique obcecado pelo destino final: aproveite a jornada! Assim são os passeios de trem, assim é a vida. Parece longa e bonita, no entanto, passa tão depressa. Relaxe um pouco e não seja tão exigente – nem consigo mesmo nem com os outros. Estamos no mesmo trem, porém, cada um tem seu próprio tempo. Afinal, no final, todos chegaremos. Permita-se ser e permita que o outro seja. Cada um aproveita a viagem como bem entende. Aproveite cada túnel, cada curva, cada parada. Sem pressa, sempre atento, aprecie a paisagem, com a inocência e a curiosidade de uma criança, mas com a perspicácia de quem já passou por várias estações e não sabe ao certo quantas estão por vir.

À querida filósofa, professora, escritora e poetisa Lúcia Helena Galvão, que, em uma palestra, fez-me enxergar a importância de vencer a resistência. Desde então, uma espécie de divisor de águas formou-se em minha vida. Gratidão por isso.

Agradeço aos meus pais, primeiramente, instrumentos divinos que me conduziram com amor e dedicação. Minha mãe, Maria Helena, graduada em Letras: quando eu contava com apenas três anos de idade, iniciou meu processo de alfabetização e o gosto pela leitura. Meu pai, José Divino, in memoriam, escrivão da Polícia Federal, que tanto valorizava a cultura e sempre me presenteava com livros, desde a primeira infância. Meu irmão Marcelo, hoje Delegado de Polícia, sempre tão inteligente, também tanto colaborou com meu gosto pela leitura e pela escrita. Ao meu amado filho, Gabriel. Um agradecimento especial a quem tanto me ajudou na revisão do livro, Luciano Quemello Borges. Ao Doutor Jales Mendonça, Historiador, Promotor de Justiça e grande benfeitor da cultura goiana, que abriu as portas do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Ao Presidente da União Brasileira dos Escritores, Seção de Goiás, Ademir Luiz, pela receptividade e acolhimento fraterno e empático. Por fim, a todos aqueles que me incentivaram, com sinceridade, quando liam meus escritos avulsos, à publicação deste. Meu mais profundo carinho.

# Nota da Autora

Não escrevo para atrair atenções. Nem mesmo tenho como principal objetivo a vaidade de ser reconhecida por isso. Não se trata aqui do típico "plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro", embora já havia concretizado as duas primeiras.

Escrevo porque gosto e, principalmente, porque preciso. Quando organizo meus pensamentos dessa forma, é como se os problemas diminuíssem. Sempre foi assim. Lembro-me de ter esse hábito desde os 8 anos de idade. Cada um tem sua válvula de escape e essa tornou-se a minha preferida, a mais eficaz. Como eu mesma costumo dizer, "enquanto uns bebem ou fumam, outros escrevem... cada um com seu vício e a sua loucura".

Decidi compartilhar o que escrevo porque percebi que poderia trazer beleza (poesia) e reflexões na vida de outras pessoas. Por volta dos 21 anos, criei um título para esses textos: "Jovens Confidências". E, contradizendo o nome, pretendia publicá-lo na terceira idade. Hoje, prestes a completar 42 anos, antecipo esse objetivo. Afinal, por que adiar algo que já estava pronto? E "Jovens Confidências" será o título para um outro livro. Não espere por um livro de autoajuda. Não tenho gabarito para tal. Não pretendo aconselhar ou dizer o que deve ser feito nessa ou naquela

ocasião. Não espere também encontrar aqui teses ou conteúdos científicos, embasados em importantes estatísticas. Não escrevo o inédito, apenas repenso o óbvio. Nada de peso, ironicamente, tudo bem leve, como gosto. É apenas uma forma terapêutica de me expressar.

No entanto, vou resumir um pouco essa trajetória.

Era uma vez uma menina. "Vibrante" era a palavra mais adequada para descrevê-la, cheia de vida e de energia, que não tinha vergonha de compartilhar com os outros o que sentia. Expressava-se por intermédio da dança, da música e da poesia. Chegou a ganhar pequenos concursos que a prefeitura de sua cidade eventualmente promovia, num parque da cidade. A menina vibrava, chegava a recitar poesias e não se importava com o que dela pensavam, simplesmente era ela mesma.

O tempo foi passando e ela entendeu que isso poderia incomodar. Começou a ser repreendida e aprendeu que a vida não poderia ser assim. Aprendeu que ter a atenção dos outros para si não era algo bem visto. Aos poucos, foi fechando a flor que havia desabrochado tão linda e espontaneamente. Foi crescendo e dando ouvidos aos julgamentos e críticas, sem filtrá-los. Não deixou de ser quem era, mas deixou de se expressar. Tudo piorou na adolescência, numa nova escola e convivendo com pessoas que a julgavam somente pela aparência. Guardava para si sua essência. Ainda escrevia, ainda dançava, ainda cantava, contudo, de forma secreta.

Seu diário era seu principal confidente, adorava escrever. Fazia isso desde seus 8 anos e assim continuou.

Com o passar dos anos, sua forma de escrever amadureceu. Gostava de expressar seus pontos de vista de um modo mais filosófico e crítico, entretanto, sem perder a poesia. De diário passou a um blog, já com 18 anos, onde publicava seus escritos, porém, ainda assim havia muita timidez em compartilhá-los com outras pessoas. Desde então, passaram-se mais de duas décadas, e entre muitos acontecimentos em sua vida, aquela menina ressurgiu, com toda força, curando-se de seus traumas. Voltou a não se importar com os julgamentos, porque percebeu que era um desperdício de vida. Percebeu que o custo disso era muito alto: era sua própria vida. Um preço muito elevado a se pagar.

Certo dia, ao assistir uma entrevista da jornalista Glória Maria, identificou-se profundamente quando ouviu uma reflexão: "Ninguém vai viver a minha vida, ninguém vai se deitar no caixão no meu lugar, quando eu morrer". Isso marcou. Todavia, um impacto muito maior foi a experiência de acompanhar a doença terminal de seu próprio pai, e estar presente em um momento decisivo, quando o médico lhe perguntou: "Você é que precisa decidir se vamos ou não entubá-lo. Mas já lhe adianto que isso não vai fazer com que ele volte à consciência, pois não há mais nada a ser feito".

Ouviu isso, depois de mais de um ano acompanhando todo o processo do famigerado câncer que havia se instalado em metástase.

Foi como estar contra a própria vontade atuando em um filme muito triste. Houve também a demência, que o tirou da realidade. Tudo isso em meio ao auge da Pandemia. Todo esse processo, somado ao fato de olhar para o seu pai ali, inconsciente e prestes a deixar totalmente esse plano terreno, teve um efeito de acordá-la, como uma dessas sacudidas que a vida vez ou outra nos dá. Ela voltou a si. Já não importavam opiniões, muito menos viver para agradar os outros, desfazendo-se de sua personalidade, suas crenças, seu propósito de vida.

Ela aprendeu a discernir as opiniões que realmente importam, que fazem crescer e evoluir, daquelas que não faziam sentido. Aprendeu que não precisava deixar de ser quem era para ser amada. Aliás, o caminho era exatamente o inverso.

Voltou para a trilha da qual jamais deveria ter se desviado. A menina voltou para si, feliz e ciente de que não se pode deixar de ser quem é. Como fez isso? Encontrou seu próprio propósito, deixou de lado as comparações, ao perder o medo de se curar. Essa menina sou eu. E se eu pudesse aconselhar sobre algo, embora não seja a pessoa mais adequada para isso, eu diria: volte lá atrás e lembre-se do que faz seu coração vibrar, em sua forma mais pura. Busque curar sua criança ferida e entenda porque repete certos padrões negativos em sua vida. Tenha paciência, porque isso não vai acontecer tão rapidamente.

É um longo processo, e ainda estou no meio dele. No entanto, iniciar essa busca talvez seja o momento mais importante. A recompensa é imensurável, compreensível somente para aqueles que trilham o caminho do autoconhecimento. E que brilhe vossa luz. Se alguém se incomodar, que simplesmente desvie o olhar.

*Um livro de vários sentidos,*
*Uma viagem de vários caminhos*
*Por dentro e por fora.*
*Um dia lhe perguntaram:*
*"Qual é o melhor caminho para a sua casa?".*
*Divertida, ela respondeu:*
*"Depende, há vários caminhos".*
*Mas bem longe do País das Maravilhas.*
*É que ela simplesmente já enxergava*
*As várias voltas que a vida daria.*

# Parte I
# Das poesias

# Hora de voar

Quando a dor de crescer
É maior que o medo de voar
O casulo se rompe
E o voo acontece.
O casulo teve sua função:
Era abrigo,
Nutrição,
Mas, agora é uma prisão.
É que o casulo fica tão apertado!
Voar é uma necessidade
E não uma opção.
Quando é chegada a hora,
Ela não consegue se negar a voar.
É tão natural.
A borboleta não tem consciência da sua beleza,
Ela não voa para exibir suas belas asas.
Ela nem sabe,
Mas deixa o mundo tão mais colorido!
As borboletas são poesias que voam.